



Temas transversais: questões de gênero na Oficina de Comunicação da Fundação Weiss Scarpa

DANIELLE SCHEFFELMEIER MEI

Jornalista graduada pelo UniBrasil Centro Universitário e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: danielle.scheffemeier@gmail.com

TIAGO MACHADO

Jornalista graduado pelo UniBrasil Centro Universitário. E-mail: thygomachadobrasil@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a maneira como questões de identidade de gênero são trabalhadas no contexto da disciplina de Relações Humanas, na Oficina de Comunicação (Audiovisual e Impresso), da Fundação Weiss Scarpa, em Pinhais. A oficina é uma oportunidade para que os estudantes desenvolvam habilidades para além dos conteúdos da sala de aula e consigam abarcar temáticas que envolvam também o interesse dos próprios aprendizes. Na oficina, as turmas produzem materiais jornalísticos, como matérias para veículo impresso, rádio e vídeo. Tendo em vista que alguns aprendizes trouxeram à tona as questões de gênero, o trabalho se dedica à abordagem destas temáticas no ambiente escolar, e mesmo das influências da mídia na vida dos adolescentes. Para tanto, foram utilizados autores como Judith Butler, Joan Scott, Jesús Martin Barbero e Guacira Lopes Louro. A intenção é apresentar uma reflexão sobre como essas temáticas podem ser trabalhadas no contexto da sala de aula e que o aluno, ao sugerir temas e produzir matérias sobre estes temas, se torne mais autônomo e conhecedor destas temáticas.

Palavras-chaves: Educação e gênero, identidade de gênero, mídia e comunicação

Abstract

This article aims to analyze the way gender identity issues are handled in the context of Human Relations, at the Weiss Scarpa Foundation's Communication Workshop (Audiovisual and Print) in Pinhais. The workshop is an opportunity for students to develop skills beyond the classroom contents and to cover topics that also involve the interests of the learners themselves. In the workshop, the groups produce journalistic materials, such as materials for print, radio and video. Since some apprentices have brought gender issues to the fore, the work is focused on addressing these issues in the school environment, and even on media influences on teenagers' lives. For that, authors such as Judith Butler, Joan Scott, Jesús Martin Barbero and Guacira Lopes Louro were used. The intention is to present a reflection on how these themes can be worked in the context of the classroom and that the studentS, when suggesting themes and producing materials on these topics, become more autonomous and knowledgeable about these themes.

Key words: Education and gender, gender identity, media and communication

Artigo recebido em 23 de outubro de 2017

Aprovado em 06 de fevereiro de 2018

1. Introdução

O artigo tem como objetivo descrever a abordagem de temáticas relacionadas às questões de identidade de gênero na Oficina de Comunicação, parte da grade curricular do curso de Auxiliar Administrativo, na Fundação Weiss Scarpa, em Pinhais. O tema foi escolhido devido às sugestões de pauta propostas pelos próprios estudantes relativas ao feminismo e identidade de gênero, por exemplo. Além disso, a proposta pedagógica para o segundo semestre de 2017 foi que as Oficinas, em conjunto, trabalhassem com temáticas relacionadas às chamadas “minorias sociais” e sua representação, englobando gênero, imigrantes, pessoas com deficiência e diversidade étnico racial.

A instituição realiza a disciplina de Relações Humanas desde o ano de 2008 e as opções que os estudantes podem escolher incluem Dança, Comunicação (Jornal Impresso e Audiovisual), Teatro, Artes, Educação Física e Música. A carga horária integra o curso, ministrado em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), sendo a única instituição vinculada ao SENAI a oferecer essas atividades.

Na Oficina de Comunicação, o objetivo dos jornalistas/docentes é elaborar e ministrar aulas que envolvam o contexto da comunicação e que auxiliem os jovens no aprendizado de habilidades relacionadas com a produção de texto, relações interpessoais e o aprimoramento da comunicação oral e escrita. A oficina funciona como uma disciplina, com plano de aula próprio, chamada e avaliações que contam para a aprovação dos alunos para o módulo seguinte.

O curso de Auxiliar Administrativo da Fundação Weiss Scarpa atende a aproximadamente 280 discentes que cursam, em paralelo, a escola estadual. É oferecido gratuitamente e abrange o público na faixa etária de 14 a 22 anos de idade, de Pinhais, Curitiba e municípios da região metropolitana. Atualmente, a instituição já formou mais de 15 mil alunos desde a sua fundação, em 2003, contando desde então com a parceria do SENAI. “A Fundação Weiss-Scarpa foi criada no dia 07 de junho de 1988 pelo Comendador Umberto Scarpa e sua esposa Adelaide Weiss Scarpa que não tiveram filhos e designaram todos os seus bens para a fundação”. (MEI *et al.*, 2010, p. 165)

A Fundação Weiss-Scarpa é uma organização não governamental (ONG) que está estabelecida no município de Pinhais e iniciou suas atividades com a construção do

Lar de Idosos Adelaide Weiss, hoje administrado pela Congregação das Irmãs da Copiosa Redenção. O objetivo é auxiliar no desenvolvimento social, econômico e político de segmentos vulneráveis da comunidade, buscando a igualdade de direitos e contribuindo para a emancipação social dos cidadãos. A missão é “viabilizar o acesso à cidadania por meio da educação profissional¹”, atendendo a adolescentes em condições socioeconômicas vulneráveis. “O objetivo principal é oferecer cursos à população, com o intuito de prepará-los para o mercado de trabalho”².

Atualmente, o curso está dividido em quatro módulos, de seis meses cada. Os alunos são encaminhados para entrevistas de emprego pela própria instituição. Quando são admitidos nas empresas, são registrados na modalidade “jovem aprendiz” e recebem o salário mínimo regional (MEI, PIRES, MACHADO, 2016, p. 52).

A disciplina de Relações Humanas acontece sempre às quartas-feiras e foi elaborada a fim de oferecer a esses jovens conhecimentos não apenas técnicos, mas que permitam que estes desenvolvam também habilidades como relacionamento interpessoal, leitura crítica dos meios de comunicação, autonomia e desenvolvimento cultural em geral.

Sabemos que para expressar-se, o ser humano utiliza-se de várias linguagens, entre elas as artísticas como a música, as artes literárias, as artes cênicas (teatro, dança, pantomina), as artes visuais (desenho, pintura, escultura, arquitetura, fotografia) e as artes audiovisuais (vídeo, cinema). (PROSSER, 2012, p. 31)

A disciplina de Relações Humanas visa, de maneira geral, o desenvolvimento de habilidades como criatividade, não visando apenas a produção de matérias jornalísticas ou peças artísticas, por exemplo, mas busca o aprimoramento de outras habilidades.

A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (FUSARI, FERRAB, 2001, p. 19)

Em meio à rotina de trabalho, estudos e escolarização regular desses estudantes, a oferta da disciplina de Relações Humanas afasta o curso da visão tecnicista, pois não

¹ CEP Scarpa. Disponível em: <http://www.cepscarpa.org.br/missao.php>, acesso em 25/05/2016.

² CEP Scarpa. Disponível em: <http://www.cepscarpa.org.br/historico.php>, acesso em 25/05/2016.

visa apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também de habilidades voltadas ao desenvolvimento social destes alunos. Paulo Freire considera que: “Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir - reconstruir, construir para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 1997, p. 77).

A ideia é que, com estas opções, os estudantes consigam construir um aprendizado mais crítico e o “diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica, de seus “achados”. A uma certa rebeldia. No sentido mais humano da expressão” (FREIRE, 2007, p. 98).

Após a apresentação da organização do curso e das oficinas, o artigo se dedicará à descrição das atividades realizadas na Oficina de Comunicação que tenham relações com temáticas de gênero, e a rotina de trabalho dos estudantes e educadores.

2. A educomunicação

A Oficina de Comunicação se divide em Oficina Audiovisual e de Jornal Impresso. Para além da confecção de textos, há intenção de aprimorar a comunicação interpessoal, as habilidades com produção de fotos para o Varal Fotográfico, com temáticas variadas, entrevistas, áudio e vídeo. Com o objetivo de desenvolver o senso crítico, os estudantes conseguem utilizar conhecimentos prévios de maneira mais prática, e refletida. “É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo superficialmente feito, mas se alonga à produção de condições em que aprender criticamente é possível”. (FREIRE, 2014, P. 28).

Na oficina de Comunicação Audiovisual, os estudantes conhecem um pouco sobre o universo da produção jornalística, elaborando pautas, matérias, entrevistas, fotografias, sonoras e vídeo, visando também o despertar de um senso crítico. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora” (FREIRE, 2007, P. 104).

A diretora Matilde Dias Martins Pupo³ explica que o objetivo de abordar as temáticas transversais nas oficinas é oferecer condições para que os aprendizes se destaquem no mundo do trabalho:

³ Entrevista realizada com a diretora Matilde Dias Martins Pupo em 21 de agosto de 2017.

O mundo do trabalho implica os relacionamentos, então é importante que os adolescentes saibam se relacionar com os colegas e desenvolver o senso crítico. O objetivo é estabelecer uma visão social pois, quando sugerimos estes temas, os professores também precisam ler e preparar um conteúdo diferenciado. Assim, é possível ampliar horizontes para a diversidade em sala de aula, valorizando as diferenças por meio também da interdisciplinaridade. (PUPO, 2017)

Com a proposta pedagógica do tema guarda-chuva que envolve o trabalho de todos os professores das oficinas, há um diálogo com o que a autora Paty Fonte defende em relação à formação cidadã:

A escola deve exercer um papel de humanização a partir da aquisição de conhecimentos e de valores para a conquista do exercício da cidadania (...). Isso exige uma prática educativa participativa, dialógica e democrática. (...) Todas as atividades escolares devem promover a construção conjunta. (FONTE, 2011, p. 26)

Na Oficina de Jornal Impresso, os estudantes aprendem a produzir conteúdo jornalístico, bem como desenvolver habilidades para entrevistar, com a reflexão sobre a construção das perguntas. Tendo em vista que o trabalho realizado envolve questões de gênero, a rotina de sala de aula se constituiu, inicialmente, de aulas expositivas sobre os temas. Depois, os estudantes fizeram a leitura e discussão de notícias de jornais e revistas vinculadas a temas feminismo e identidade de gênero. Após as leituras e debates, eles fizeram sugestões de pautas e, com orientação da professora responsável, produziram matérias e fotos.

As produções foram publicadas no jornal impresso: “O Aprendiz da Notícia”. O material é semestral, tem circulação dentro da instituição e empresas parceiras, com tiragem de 500 exemplares, e é lançado na *Vernissage*, evento que reúne apresentações dos trabalhos realizados pelos estudantes de todas as Oficinas, sempre ao final do semestre. A autora Nilda Stecanela (2010) destaca as manifestações da cultura jovem, demonstrando que eles “fabricam sua própria vida, reinventando seus modos de ser jovem, a partir de sua situação juvenil e aprendendo em suas trajetórias não escolares a partir de suas experiências cotidianas” (STECANELA, 2010, p. 31).

Além da publicação de notícias, os estudantes produzem material fotográfico. Após realizarem uma aula específica sobre o tema, envolvendo técnicas de fotografia e prática, cada um escolheu uma peça para a exposição “A diversidade nos olhares e nas

lentes”, que foi realizada no mês de dezembro de 2017 e aberta ao público, na própria instituição. V.C., do 4ºB, fez o texto de introdução da exposição, explicando os motivos, e destacando: “Com tudo isso, enxergamos as pessoas de outras formas, começamos a agir diferente, respeitando o seu jeito de agir e de ser, independentemente de seu gênero e de suas diferenças, pois a diversidade em si trata de uma reunião de tudo isso”.

Ao participarem da exposição, os estudantes demonstraram o seu olhar próprio sobre a realidade, o que absorveram sobre o tema e de que maneira interpretam a questão da diversidade. Juarez Dayrell aborda temáticas sobre a juventude, defendendo o adolescente e o jovem como “um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade” (DAYRELL, 2003, p. 24).

Na Oficina de Comunicação – Rádio e Vídeo, uma das atividades propostas é a confecção de produtos audiovisuais para rádio, produção de vídeo, roteiro e pauta de reportagem. Uma das atividades é uma matéria de rádio. Os alunos são divididos em equipes de duas ou três pessoas e realizam as matérias nos moldes do jornalismo de rádio. O interessante, e que impulsiona também as reflexões deste artigo, é que os eles podem escolher as pautas, sugerir e debater os temas no grande grupo e com o professor. A atividade ocorre em três momentos principais: definição da pauta, entrevista, confecção do texto e gravação do material levantado.

As pautas, escolhidas pelo professor, costumam abordar temas que proporcionam a reflexão e o olhar crítico relacionado a problemas sociais; promoção da igualdade entre pessoas; direitos humanos; cultura; música; esporte; saúde; política, entre outros. (MEI, PIRES, MACHADO, 2016, p. 60).

Este momento da definição da pauta é produtivo, pois permite o diálogo próximo entre professor e aluno, que também pode trazer a questão da intencionalidade de ensinar conteúdos aos seus alunos, a partir do diálogo. E, segundo Santaella, a comunicação é uma atividade “inevitável”:

Intenção é a atividade direcionada a um objetivo, envolvendo, portanto, a volição. Na comunicação, intenção é tentativa consciente do emissor de influenciar o receptor através de uma mensagem, sendo a resposta do receptor uma relação baseada na hipótese das intenções da parte do emissor (SANTAELLA, 2001, p.20).

Assim, após a apresentação da oficina, o próximo tópico se dedicará à explicação da seleção de pautas e de que maneira as temáticas ligadas à identidade de gênero aparecem na sala de aula.

3. Identidade de gênero na Oficina de Comunicação

O conceito de gênero pode ser explicado por diversas abordagens, seja pelo seu viés biológico, social ou até mesmo cultural, e cada uma é defendida por diferentes autores que apresentaremos a seguir. Para Butler, não é um resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. (Butler, 2016, p. 26). A autora defende que há uma tendência de se manter a dualidade dos sexos apenas pela condição genética, mas a noção de feminino e masculino vai muito além dessa dualidade:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (BUTLER, 2016, p. 26)

Para Joan Scott (1985), o conceito de gênero toma como elemento constitutivo das relações sociais, embasado nas diferenças percebidas entre os sexos. Diante disso, teóricos do assunto utilizam o conceito e propõem falar das relações de gêneros e não apenas do “gênero” por si só. A autora defende que gênero é uma forma primária de expressão das relações de poder.

Gênero não é um reflexo do sexo biológico, e sim, uma construção social. Ao dizer isso, estamos considerando que a atribuição de significados masculinos ou femininos está relacionada aos elementos de classe social, orientação sexual, fase de vida, especificidades étnicas, religiosas, questões políticas, de tal forma que não podemos pensar em um masculino e um feminino e, sim, numa pluralidade de “masculinidades” e “feminilidades”. (GEDRAT *et al*, 2012, p. 35)

Michel Foucault, ao apresentar as estruturas de micro poderes no estrato social, verifica que o corpo é objeto de observação e vigilância constante ao longo dos séculos. No entanto, há um momento em que as mulheres começam a perceber a necessidade de mudança desse padrão, e buscam, cada vez mais, o empoderamento.

Emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (...). O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (FOUCAULT, 2010, p. 146).

As definições sobre o que é gênero estão em transformações constantes, já que o é definido pelas abordagens feministas pós-estruturalistas para além dos conceitos tradicionais da diferença de homens e mulheres apenas pelas características físicas, o corpo passa a ser teorizado “como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito das relações de poder” (MEYER, 2013, p. 18). Para a autora, o conceito começa a envolver formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (MEYER, 2013, p. 18). “As formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos” (Louro, 2004a, p. 86).

É importante ressaltar que a construção social do gênero é feita ao longo da vida, nas práticas sociais e nas instituições. “A divisão em classes (ou em gêneros) foi um resultado secundário do acesso desigual aos recursos” (BAUMAN, 2001, p. 41). Para manter esta estrutura social, é preciso vigiar as ações dos indivíduos e reforçar discursos opressores.

Novas discussões sobre o conceito de gênero vêm sendo elaboradas pelas teorias construtivistas, a partir dos anos 1990 por meio de estudos que enfocam homossexualidade e transexualidade (GEDRAT *et al*, p. 38). Essa nova discussão rompe com a ideia de um sexo binário, tendo como foco central a desnaturalização da oposição masculino/feminino que permeiam os estudos realizados até então. A autora Marilyn Strathern propõe uma definição de gênero como operador privilegiado de diferenças sociais da sociedade moderna.

A temática foi escolhida para abordagem em sala de aula também devido à constante exposição à mídia. As pessoas recebem diversas interferências ao longo de suas vidas, e os jovens também incorporam influências do meio em que vivem, da mídia e da própria escola. Jesús Martín-Barbero teoriza sobre estas mediações, percebendo a importância dos discursos que surgem em paralelo aos discursos centrais, como a mídia e a escola. Segundo ele, as identidades sociais e os interesses pessoais dos indivíduos se

formam também na família, no bairro ou nos locais onde as pessoas habitam ou mesmo interagem.

O debate sobre gênero na escola foi reforçado a partir dos seminários realizados para a construção do Plano Nacional de Educação, em 2014. Na ocasião, a Câmara dos Deputados e o Senado suprimiram o termo “gênero” da proposta, abolindo então temáticas que previam os itens identidade de gênero e orientação sexual nos currículos escolares. O documento original, por sua vez, constava que o debate fosse aprofundado nas escolas, dentro das disciplinas, a fim de garantir direitos como o acesso universal à educação, combate ao preconceito e criar medidas inclusivas para a educação no país.

Na escola, o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc., e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo. (FURLANI, 2003, p. 69)

Tendo em vista que a Oficina de Comunicação busca trabalhar o desenvolvimento de indivíduos mais reflexivos, os docentes deram apoio às sugestões de pauta que trouxeram estas questões, tornando este, então, um momento de reflexão por parte dos alunos.

3.1 Produção audiovisual abordando identidade de gênero

Na oficina de Comunicação Audiovisual, foram desenvolvidos dois produtos significativos que envolvem questões de gênero. Uma das pautas pensadas pelos alunos foi sobre o feminismo, que se constitui em uma matéria de rádio explicando o conceito de feminismo e entrevistas com personagens sobre o assunto. Todo semestre os alunos produzem conteúdo audiovisual no decorrer da oficina, como matérias de rádio em formato jornalístico e vídeos abordando temáticos ligados a gênero, etnia, direitos humanos, entre outros.

Entre as produções, se destacam dois trabalhos realizados pelos alunos, o primeiro consistiu em uma matéria de rádio que aborda o feminismo e o papel do movimento na sociedade. Na ocasião, as alunas entrevistaram uma assistente social e uma militante para embasar o assunto. O conteúdo da matéria abordava os aspectos históricos, as principais conquistas e os desafios do movimento na atualidade. O tema

foi escolhido por conta das alunas que, orientadas pelo professor, realizaram o processo de criação de pauta, construção do texto e a escolha das trilhas para edição.

Outra produção com temática de gênero realizada pelos alunos foi um vídeo de aproximadamente sete minutos com o tema: “E se o machismo fosse ao contrário”. Dividido em esquetes curtas, o vídeo apresenta uma junção de cenas cotidianas de machismo que as mulheres enfrentam no dia a dia, mas dessa vez enfrentadas pelos homens, numa inversão de papéis. Na ocasião, os alunos atuaram com gêneros opostos, para retratar melhor a proposta do trabalho. Fizeram, portanto, a encenação com roupas e trejeitos dos dois sexos.

Conforme aponta Judith Butler, há uma tendência de se manter a dualidade dos sexos apenas pela condição genética, mas a noção de feminino e masculino vai muito além dessa dualidade⁴. É possível interpretar, dessa forma, que o indivíduo utilize seu corpo também de forma performática, ou seja, para se inserir nos padrões pré-estabelecidos na sociedade, para que ele não seja julgado por esta sociedade. Evelize Cristina Cit Tavares (2015) aponta em sua tese de doutorado que as roupas podem ajudar a definir esses personagens, o que foi também utilizado pelos alunos na construção destas situações. No final do vídeo, alunos e alunas prestaram depoimentos abordando sobre a importância do combate ao machismo e do respeito à igualdade de gênero.

4. Considerações finais

A partir dos contextos apresentados, é possível perceber que as Oficinas de Comunicação da Fundação Weiss Scarpa oferecem oportunidades para que os estudantes desenvolvam qualidades para além da rotina de sala de aula. Ao trabalhar com a noção do projeto, que engloba o grande tema “Minorias sociais” e que deve ser trabalhado em todas as Oficinas, é oportunizado um espaço para o debate e reflexão das diferentes áreas de conhecimento (Comunicação, Música, Dança, Teatro, Educação Física, Artes Plásticas). Estas apresentam enfoques e abordagens de acordo com as suas leituras e especificidades de cada área, promovendo, assim, uma visão mais plural.

⁴ Nesse contexto das diferentes representações de gênero que existem atualmente, uma das teorias mais atuais é a *queer*, que o classifica como socialmente construído, e não algo natural ou biológico.

Na Oficina de Imprensa, há produção de conteúdo para o “O Aprendiz da Notícia”, que trouxe, em sua última edição, matérias relativas a questões de direitos humanos, igualdade de gênero e temáticas escolhidas pelos aprendizes. Na Oficina de Audiovisual, os estudantes produziram e editaram vídeos e matérias de rádio relativos aos temas e exibem durante a Vernissage do Scarpa. Há também a produção do Varal Fotográfico, elaborado com fotos produzidas pelos aprendizes a partir da escolha de uma temática em comum, que nesta edição foi a “Diversidade”.

Na Oficina de Comunicação, os aprendizes desenvolvem habilidades como a leitura crítica de notícias, produção de texto, formulação de pautas e perguntas para a entrevista, o que ajuda a desenvolver seu senso crítico. Além disso, a comunicação oral é privilegiada, quando da produção de matérias de rádio, que precisam englobar alguns quesitos como a objetividade da linguagem jornalística. Os estudantes também devem saber filtrar o conteúdo das entrevistas e construir bons textos.

Ao trabalhar com questões de gênero, foi possível despertar o interesse dos estudantes em relação a esta temática, tendo em vista que o espaço escolar deveria desconstruir cotidianamente os preconceitos, por meio da reflexão crítica, auxiliando no processo de construção da diversidade sexual e no trato mais democrático com esse tema.

Os autores buscaram a opinião de alguns alunos, que comentaram o aprendizado dos temas transversais no decorrer das oficinas. As entrevistas foram coletadas no mês de setembro. A aluna N.R.⁵, 18 anos, do 1º módulo, explica que a leitura dos jornais ajuda a compreender melhor alguns conteúdos: “Conseguí formar opinião os assuntos e ter mais base para o debate. Não tinha o hábito de ler jornais antes da oficina, e isso me ajuda a compreender melhor a realidade”. A estudante E.C., também do 1º módulo, comentou:

Compreendi questões de identidade de gênero que antes não entendia. Consigo me colocar no lugar das outras pessoas para entender o que vivem e respeitar ainda mais. Lia pouco jornal antes de iniciar a oficina e hoje consigo me inteirar dos assuntos, a partir dessa leitura.

A estudante K.M., 19 anos, do 2º módulo, explicita:

⁵ Os nomes dos alunos e alunas foram suprimidos.

Eu não tinha muito conhecimento sobre esses assuntos e, sinceramente, julgava sem saber. Agora tenho aprendido mais, tenho gostado muito deste modelo. Na Comunicação, a gente faz a leitura e faz um debate sobre as notícias. Na outra oficina que faço, que é Teatro, o professor pediu para a gente montar uma peça sobre os temas, como pessoas com outras identidades de gênero e, após a apresentação, a gente faz um debate.

Como é possível perceber, a escola precisa desfazer o binarismo (masculino e feminino) e aceitar que há outras formas de manifestar a sexualidade. Além disso, é preciso incentivar o desenvolvimento de sujeitos mais abertos às novas realidades, e que saibam conviver com a diversidade. É preciso, portanto, incentivar o diálogo e a leitura crítica da realidade.

Um ambiente escolar ideal envolveria a troca de experiências e informações entre os docentes, para que todos foquem no tema e tenham conhecimento para trabalhar questões de gênero em sala de aula. Sendo assim, os docentes também precisaram se preparar para estes conteúdos e ensinar passa a ser um ato de mobilizar uma ampla variedade de saberes, que são hierarquizados efetivamente pelos/as professores/as, durante a própria prática profissional.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CEP SCARPA. **Centro de Educação Profissional Comendador Umberto Scarpa**. Disponível em: <http://www.cepscarpa.org.br/estrutura.php>. Acesso em 25/05/2016.
- CEP SCARPA. **Centro de Educação Profissional Comendador Umberto Scarpa**. Disponível em: <http://www.cepscarpa.org.br/missao.php>. Acesso em 25/05/2016.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em 05 de set de 2017.
- EDUCOMUNICAÇÃO, Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em – **Educomunicação, o conceito** – São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/p/educomunicacao-o-conceito.html>.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007, 30ª ed.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FONTE, Paty. **Projetos pedagógicos dinâmicos: a paixão de educar e o desafio de inovar**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p.146.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. Editora Autêntica. São Paulo, 2003.

FUSARI, Maris F. de Rezende. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **A arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GEDRAT, Dóris Cristina (org.). MACHADO, Mara Lúcia. ALVES, José Édil de Lima.

EICK, Andrea. **Desigualdade de gênero, raça e etnia**. ULBRA, 2012.

LOURO, G. L. 2004a. **Um corpo estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 90 p.

MEI, Danielle; PIARDI, Stela; CAVASSIM, Tamires; SILVA, Rodolfo dos Santos. **Identidade Pinhais**. Curitiba: TopGraf Ed. E Gráfica, 2010.

MEI, Danielle Scheffelmeier. PIRES, José. MACHADO, Tiago. **Experiência docente de jornalistas na disciplina de Relações Humanas do CEP Scarpa**. Revista Cadernos da Escola de Comunicação – vol. 1, nº. 14 | Jan / Dez 2016 | p. 50 – 64. ISSN 1679-3366.

MEYER, Dagmar Estermann. In: LOURO, FELIPE, GOELLNER. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 9ª edição, Petrópolis. Ed Vozes, 2013.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de artes**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 15, n 2, 1985.

SILVA, Rosimeri Aquino da. SOARES, Rosângela. In: LOURO, FELIPE, GOELLNER. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 9ª edição, Petrópolis. Ed Vozes, 2013.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano: trânsito pelas culturas juvenis e pela escola da vida.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

TAVARES, Evelize Cristina Cit. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: quem defende a personalidade Queer nos livros para a infância?** Curitiba, 2015. 191 f.